



# Amanhar a Terra

## Arqueologia da Agricultura

(do Neolítico ao Período Medieval)



**Coordenação:**

**Isabel Cristina Fernandes**  
**Michelle Teixeira Santos**  
**Miguel Filipe Correia**



# **AMANHAR A TERRA. ARQUEOLOGIA DA AGRICULTURA**

**[Do Neolítico ao Período Medieval]**

**COORDENAÇÃO**

**Isabel Cristina Fernandes**

**Michelle Teixeira Santos**

**Miguel Filipe Correia**

**MUNICÍPIO DE PALMELA  
Palmela, 2023**

## FICHA TÉCNICA

**Título:** Amanhar a Terra. Arqueologia da Agricultura [Do Neolítico ao Período Medieval]

**Coordenação:** Isabel Cristina Fernandes | Michelle Teixeira Santos | Miguel Filipe Correia

**Edição:** Município de Palmela | 2023

Largo do Município

2951-505 Palmela

+351 212 336 640 | patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

**Grafismo da capa:** Jorge Ferreira

**Revisão:** Isabel C. F. Fernandes | Michelle Teixeira Santos | Miguel Filipe Correia

**Composição e diagramação:** Hugo Rios e José Luís Santos

**Impressão e acabamento:** ARTIPOL - Artes Tipográficas, Lda. | [www.artipol.net](http://www.artipol.net)

**ISBN:** 978-972-8497-89-7

**Depósito Legal:** 517380/23

**Tiragem:** 500 exemplares

Copyright ©, 2023, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, respeitando a origem e autoria do texto ou imagem, expressamente indicadas na reprodução.

Todos os direitos reservados para a Língua Portuguesa por Câmara Municipal de Palmela.

# SUMÁRIO

## **Mensagem**

Álvaro Manuel Balseiro Amaro 11

## **Nota Introdutória**

Isabel Cristina Fernandes, Michelle Teixeira Santos, Miguel Filipe Correia 13

## **ORGANIZAR E GERIR O TERRITÓRIO AGRÍCOLA**

### **Porquê estudar o campesinato da Alta Idade Média no século XXI?**

#### **Novas perguntas, novas propostas**

Carlos Tejerizo García 17

### **O Neolítico no concelho de Avis: balanço e perspectivas de investigação**

Ana Cristina Ribeiro 33

### **Amanhar e regar a terra. As hortas e a barragem do**

#### **Convento de S. Francisco (Mértola): uma proposta interpretativa**

Virgílio Lopes 41

### **Uma paisagem agrícola de Época Romana? Considerações**

#### **a propósito da intervenção arqueológica na Quinta das Donas (Portimão)**

Carlos Oliveira, Vera Teixeira de Freitas, Susana Estrela 49

### **Amanhar a terra no Garb al-Andalus. Um estado da questão**

Susana Gómez Martínez, Maria de Fátima Palma 57

### **A exploração agrícola da zona noroeste do território de Coimbra**

#### **entre os séculos X e XII: algumas considerações a partir de casos de estudo**

Gil Vilarinho 75

### **La presa califal de La Jarilla, Córdoba. Una obra de ingeniería del siglo X**

Vicente Salvatierra, Antonio Vallejo, José Luis Reyes 85

## ESPAÇOS DE VIDA DAS COMUNIDADES CAMPESINAS

- As primeiras comunidades camponesas no território de Palmela. O Casal da Cerca, um povoado do Neolítico Antigo Evolucionado**  
Michelle Teixeira Santos 95
- Denticulados, elementos de foice. Um sítio da Pré-História recente em Corcheiros (Figueira de Castelo Rodrigo)**  
Inês Soares e Filipe Alves Pina 105
- O Sílex na Idade do Bronze Final na região de Lisboa**  
Eva Leitão e Guilherme Cardoso 113
- Campos, pastos e bosques. Comunidades agro-pastoris do Bronze Final no Outeiro do Circo (Mombeja, Beja, Portugal)**  
Miguel Serra, Eduardo Porfírio,  
Nelson J. Almeida, Sofia Silva; Sofia Soares 121
- Da Idade do Ferro à Idade Média:  
ferramentas agrícolas da região de Lisboa**  
Luísa Batalha e Guilherme Cardoso 135
- Está alguém em casa? A *villa* da Horta da Torre (Fronteira) e as mudanças na economia rural durante o final do Império**  
André Carneiro 145
- O *horreum* da Tapada do Ribeiro do Carvalho (Machoquinho). Um celeiro do período romano “perdido” em Castelo de Vide**  
Sílvia Ricardo 159
- Arqueologia e arquitetura doméstica rural, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)**  
João António Ferreira Marques 167
- Evidências de produção agrícola em Cascais na Baixa Idade Média: alguns apontamentos**  
Tiago Pereira e Vanessa Filipe 183
- ## TRANSFORMAR E CONSUMIR OS PRODUTOS DA TERRA
- Cerveza Prehistórica. Estado de la cuestión**  
Manuel Edo, João Luís Cardoso, Adrià Breu 193
- Consumo de plantas cultivadas e silvestres em Salreu (Estarreja, Aveiro) durante a Idade do Ferro**  
João Pedro Tereso, Filipe Costa Vaz, Sara Almeida e Silva,  
António Manuel S. P. Silva 213

<b>Agricultura extensiva en el imperio romano: el caso del aceite bético</b>	
José Remesal Rodríguez	225
<b>Agricultura e paisagem em torno do povoado de Mesas do Castelinho (Almodôvar)</b>	
João Pedro Tereso, Filipe Costa Vaz, Cláudia Oliveira, Carlos Fabião, Amílcar Guerra, Susana Estrela	239
<b>Alguns animais nas hortas da cidade: a fauna junto ao Teatro de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> (Lisboa)</b>	
Lídia Fernandes e Simon Davis	257
<b>Arqueobotânica com vista para o Douro: frutos e sementes do sítio do Rei Ramiro (Vila Nova de Gaia, Norte de Portugal)</b>	
Luís Seabra, José Carvalho, Rui Ramos, María Martín-Seijo, Rubim Almeida, João Pedro Tereso	267
<b>Carpological remains recovered in three Medieval Islamic storage pits at Largo dos Lóios (Lisbon, Portugal)</b>	
Ana Fundurulic, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Ana Manhita, Alessandra Celant, Cristina Barrocas Dias, Donatella Magri	283
<b>REPRESENTAÇÕES E SIMBOLISMO</b>	
<b>Os primeiros agricultores e pastores nas faldas da Serra de S. Mamede – Alentejo – Portugal</b>	
Jorge de Oliveira	295
<b>Artefactos de fibrolite e de outras rochas congéneres, ou similares, da Beira Interior: contributos para o seu conhecimento</b>	
Raquel Vilaça, Marcos Osório, Lídia Catarino	309
<b>As “enxós” votivas de calcário, um objecto ideotécnico característico do Calcolítico da Estremadura: a propósito da recolha de um exemplar em Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira)</b>	
João Luís Cardoso, João Carlos Caninas, Francisco Henriques	323
<b>Ecos agrícolas em monumentos epigráficos romanos</b>	
José d’Encarnação	329



# Está alguém em casa? A *villa* da Horta da Torre (Fronteira) e as mudanças na economia rural durante o final do Império

---

André Carneiro\*

## Resumo

A *villa* romana da Horta da Torre (Fronteira) tem sido objecto de um programa sustentado de investigação desde 2012. Os testemunhos materiais de época imperial são surpreendentes, permitindo documentar uma sala com dupla ábside coroando um *stibadium*. O cuidadoso controlo de informação no campo permitiu também recolher evidências de um ou vários momentos de ocupação pós-abandono que nos mostram uma radical alteração nos padrões de vida e dieta da(s) comunidade(s) que ocupa(m) as ruínas. Desta forma, com o cruzamento de informações provenientes dos vestígios materiais, das *evidências ténues* e do registo arqueofaunístico, ensaiam-se tentativas de interpretação das alterações em curso após o final do Império, em especial no colapso de um sistema económico complexo que dá lugar a uma estratégia de aproveitamento dos recursos muito menos sofisticada e de *banda larga*.

**Palavras-chave:** *Villa*, Antiguidade Tardia, Economia rural, Complexidade, Arqueozoologia

---

## Abstract

Since 2012, a sustained programme of research has been developed in the Roman *villa* of Horta da Torre (Fronteira, Portugal). The imperial period evidences are surprising, allowing us to document a room with a double apse crowning a *stibadium*. The careful control of information in the field has also allowed us to collect evidences of one or several moments of post-abandonment occupations that show us a radical change in the patterns of life and diet of the community(ies) occupying those ruins. In this way, with the crossing of information from the material remains, the *tenuous evidences* and the archaeofaunistic register, attempts of interpretation of the changings after the end of the Empire (in particular, the collapse of a complex economic system that gives place to a much less sophisticated and *broad band* strategy in the resources' exploitation) are rehearsed.

**Keywords:** *Villa*, Late Antiquity, Rural economy, Complexity, Archaeozoology

---

\* Departamento de História da Universidade de Évora, Investigador integrado no CHAIA-UÉ e colaborador do CECH/FLUC | ampc@uevora.pt | ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0824-3301>.

## 1. INTRODUÇÃO: A VILLA DA HORTA DA TORRE (CABEÇO DE VIDE, FRONTEIRA)

Desde o momento da sua identificação, a *villa* da Horta da Torre tem gerado uma ampla bibliografia. Por constrangimentos de espaço, não é possível abordar diversos conteúdos como a descrição geral dos resultados e os paralelos do sítio com outros exemplos de monumentalidade em meio rural (Carneiro, 2021), os resultados da análise de Arqueologia da Paisagem no território envolvente (Carneiro *et al.*, 2020), ou mesmo estudos que complementam a abordagem agora proposta, como as alterações de âmbito económico em plano mais abrangente (Carneiro e Conejo Delgado, 2020), entre outros textos disponíveis. O foco da presente discussão centra-se nos processos de transformação e subsistência, que o registo arqueológico e arqueozoológico nos permite identificar, na esteira de um outro trabalho (Carneiro, 2020) e continuando a interpretar os dados apresentados por Maria João Valente (Valente e Carneiro, 2015) e os posteriores estudos contextuais permitidos por um registo sistemático. Para este estudo reforçamos a análise dos dados faunísticos e da cultura material recolhida em estreita associação, o que nos permite perceber as alterações na estratégia de captação de recursos em duas etapas distintas. Mas, para que se compreenda a dinâmica em causa no sítio arqueológico, será necessário começar por olhar para a envolvente.

## 2. O TERRITÓRIO E A PAISAGEM

A *villa* da Horta da Torre encontra-se no actual concelho de Fronteira, uma circunscrição administrativa de médias dimensões com 248,60 km<sup>2</sup> de área (Fig. 1).

O território é muito diversificado, com abundância de recursos hídricos - além das numerosas nascentes, o sítio encontra-se a 2 km dos mananciais de água minero medicinal das Termas da Sulfúrea - e uma grande variedade de recursos, desde as paisagens onduladas propícias para uma agricultura extensiva de sequeiro (a sul) até relevos mais vigorosos que culminam nos 393 metros da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). Estas elevações são originadas pela falha varisca que corre entre Monforte e Alter do Chão e pelos maciços eruptivos gabro-dioríticos de Cabeço de Vide, propiciando recursos variados como os xistos e quartzitos do Câmbrio, próximos de rochas filonianas como os granitos e ainda de calcários. Esta variedade de recursos passíveis de aproveitamento é visível na própria *villa*, uma vez que a alvenaria utiliza pedras e blocos muito distintos.



Fig. 1 - Localização da Horta da Torre na Península Ibérica.

Não existem dados para a percepção de como seria o coberto vegetal em época romana. Actualmente, ainda predomina uma paisagem ibero-mediterrânea de *Quercus rotundifolia* (azinheira) e *Q. suber* (sobreiro) com frequência de *Olea europaea sylvestris* (zambujeiro) e, sobretudo, o extenso matagal de *Juniperus oxycedrus* (zimbros vermelho) originando

um *maquis* que por vezes dificulta a progressão. Podemos contudo extrapolar os dados obtidos para o perímetro da Coudelaria Real de Alter do Chão em épocas mais recuadas (Duque, 2006: 242-256), que nos desenha um coberto de maior densidade de caducifólias, mais próprias de um bosque temperado de folha caduca. Desta forma, a acção antrópica originou uma limpeza do coberto arbóreo mais denso, para facilitar as práticas agrícolas extensivas, originando formações mistas ou com predomínio do coberto perenifólio hoje predominante. Dentro deste quadro, é coerente presumir que o registo faunístico adiante comentado se insere nos ambientes mediterrânicos mais característicos.

Apesar de actualmente se encontrar em espaço interior e periférico no quadro do território português, em época romana a *villa* beneficiava de amplos recursos de conectividade com centros urbanos e esferas territoriais mais distantes. A Horta da Torre encontra-se a cerca de 500 metros do que deverá ter sido um itinerário de primeira relevância, possivelmente a via XIV do *Itinerário de Antonino* (Carneiro, 2008), ficando a cerca de 15 km da *mansio* (eventual *urbs*) de *Abelterium* (hoje inequivocamente situada sob a actual vila de Alter do Chão - António e Encarnação, 2009).

Um sítio com ampla gama de recursos endógenos e que beneficiou de eficientes ligações para o abastecimento/envio de bens: eis o retrato sumário da envolvente da Horta da Torre. Olhemos agora para os processos *intra*-sítio.

### 3. OS RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES: APOGEU E ABANDONO

As escavações sistemáticas na Horta da Torre iniciaram-se em 2012, após uma primeira sondagem (2004-2005) incon-

clusiva e que deixava antever um valor patrimonial fortemente destruído. Contudo, o retomar dos trabalhos permitiu recuperar um conjunto de estruturas que permite análises interpretativas complexas e, sobretudo, um notável volume de informação para o entendimento dos processos de transformação da paisagem rural entre o século IV e o VII.

De modo resumido, as escavações revelaram um *unicum*, uma solução arquitectónica sem paralelo nas *villae* da *Lusitania*: uma sala coroada por uma dupla abside emoldurando um *stibadium*, que domina um espaço de planimetria sub-rectangular com cantos contra-esquinados. A solução decorativa é também original, dispondo de um engenhoso mecanismo que permitia o controlado fluir da água para o interior da sala, deslizando sobre um pavimento de *cocciopesto* e assim criando um cenário multisensorial. A sala encontra-se na terminação de um amplo peristilo colonado, no qual também a água desempenha um papel central na ambientação dos espaços. Em módulo contíguo, mas totalmente separado, um pequeno peristilo, certamente dedicado ao descanso da família, também apresenta estruturas para a utilização da água, nomeadamente uma bica que escorre para um *impluvium* (para uma descrição geral, Carneiro, 2021).

Este ambiente de aparato cénico, erudito e requintado, evidencia bem o cuidado no desenho dos espaços e na criação de ambientes propícios para o momento do *convivium*. Este é entendido como o auge na consolidação das relações de convivialidade entre os *homens notáveis* que se visitam nas suas residências, pelo que tem um papel fundamental no reforço dos laços de parceria social, económica e política. Este fenómeno gera também uma competição entre pares, na medida em que cada um procura soluções mais refinadas para criar espanto e emoções

nos convivas; daí que se generalizem os espaços de grande impacto arquitectónico, decorativo e sensorial, do qual apenas desfrutaram uma selecta elite: os *amici dominus* (para a elaboração dos ambientes, veja-se Dunbabin, 2003; para o rastreamento arqueológico das materialidades, Vroom, 2007).

O ambiente estrutural identificado no processo de escavação é construído em torno a finais do século III e, a julgar pela cultura material, nomeadamente pelos dados da cerâmica de importação, está em pleno funcionamento até finais do século IV/inícios do V. Por algum motivo, os espaços até ao momento escavados demonstram evidências de um abandono planeado e meticuloso, pelo que é possível afirmar que a cultura material recolhida no interior dos ambientes é quase inversamente proporcional em relação ao aparato arquitectónico, ou seja, são muito escassos os indicadores recolhidos

em contextos estratigráficos sob derrubes. Da mesma forma, é difícil calcular durante quanto tempo os espaços estiveram abandonados e quais os momentos intermédios de frequentação entre ocupações.

O que de momento sabemos é que a ruína é frequentada de forma mais estável a partir de finais do século V/inícios do VI e, durante um lapso de tempo indeterminado, mas com alguma duração que permitiu actividades elaboradas. Os indicadores de presença humana são estáveis, e por terem sido descritos em outros textos (publicados até ao momento, apenas Carneiro 2020, estando outros no prelo), são elencados de forma sumária em seguida (Fig. 2):

- a) na sala do *stibadium* a construção de um abrigo em materiais perecíveis que perfura o pavimento em *cocciopesto*, para cuja implementação foi removido um pequeno derrube que havia



Fig. 2 - Localização das áreas de despejo identificadas na área de escavação após a campanha de 2019 (Fotografia realizada com drone, por Jesus García Sánchez).

entretanto colapsado [UE33]. Esta construção tem abundantes paralelos em sítios itálicos (Fronza, 2011: 121-128), embora menos para a *Hispania* no tocante ao registo *in situ*, visto que se encontram muitos mais na orla exterior dos espaços construídos (Tejerizo Garcia, 2015: 259);

- b) no espaço exterior à sala do *stibadium* observamos mais perfurações no pavimento em *cocciopesto* do peristilo grande. Todavia, o indicador mais evidente reside na deposição de uma ampla camada de sedimentos com restos ósseos e cerâmicas de consumo [UE108], sendo esta uma área ainda em curso de escavação (Fig. 3);



Fig. 3 - Imagem geral da [UE108] durante a campanha de 2019, observando-se a camada de deposição homogénea que cobre toda a área do jardim no peristilo grande (Foto André Carneiro).

- c) o espaço anexo do pequeno peristilo assiste a várias acções: despejos de sedimentos com restos de cerâmica para confecção culinária, bem como de desperdícios alimentares; o entulhamento do *impluvium* [UE72] com a cerâmica de cobertura para desimpedir o trânsito nos corredores (o que indica que o colapso dos telhados havia entretanto ocorrido); e indicadores esparsos de actividades económicas, como um fragmento de movente em granito para farinhação. No compartimento anexo, uma base de coluna em mármore foi encon-

trada em posição invertida sobre o pavimento e encostada à parede, de modo a servir de assento.

Os indicadores, portanto, apontam para dois relevantes momentos de presença humana, entendendo-se aqui “relevantes” enquanto geradores de registo arqueológico deposicional e pós-deposicional, passíveis de serem recuperados em escavações:

- i) um momento de construção de abrigo lígneo/utilização e frequentação da sala do *stibadium*;
- ii) contemporâneo ou (mais provavelmente) posterior, um momento de “reocupação pastoril” com produção/consumo de alimentos de modo precário no peristilo pequeno.

De momento é complexo definir indicadores cronológicos precisos para estas presenças, embora pareçam não exactamente coincidentes no tempo – a presença na sala, mais *robusta* no seu investimento, parece decorrer em momento anterior à reocupação do peristilo pequeno. Para avançar no conhecimento necessitamos de ampliar a área de escavação disponível mas, sobretudo, de incidir a investigação na análise da cultura material, processo já em curso para a sala do *stibadium*, em trabalho colaborativo com Mónica Rolo e Ana Martins.

Na análise dos processos que deixaram rasto arqueológico, podemos contudo avançar para outros parâmetros de pesquisa.

## 4. O MUNDO RURAL APÓS A VILLA: O CASO DA HORTA DA TORRE

### 4.1. Indicadores de consumo de fauna

Como em outros textos foi abordado e se encontra em *work in progress*, a Horta da Torre permite-nos estabelecer dois itine-

rários aliantes para a análise do fenómeno do *final das villae*:

1. por um lado, do ponto de vista da *percepção estratégica*, temos uma *villa* que atravessa um processo de abandono sistemático e planeado. Até ao momento não temos registados os bem conhecidos processos de *cristianização* ou de *necropolização*; temos um espaço esvaziado de gentes e de conteúdos, albergando estruturas elaboradas que ficam sem uso e manutenção, originando um edifício abandonado na paisagem rural;
2. da mesma forma, temos um estudo de caso aliantante para o processo de *percepção social e económica*: ocorre uma situação em linha com as “*vanishing villae*” definidas por Tâmara Lewit (2015), ou seja, um local que foi concebido para o “*vulgar display of power*” típico das elites tardas-antigas, mas que, em determinado momento, é esvaziado e votado ao abandono. Contudo, o local não fica vazio, pelo contrário, é palco de uma actividade intensa baseada no refúgio, na espoliação, na reciclagem e na produção de novos bens, ocorrendo em diferentes momentos e durante um significativo período de tempo. Só que os protagonistas são agora outros (e não entramos aqui no debate das *identidades étnicas* para o qual, manifestamente, não existem dados), pois todos os elementos que temos até ao momento apontam para um padrão de consumo de resistência, totalmente distinto da opulência proporcionada pela sala do *stibadium*.

Os dados da análise arqueofaunística conduzida por Maria João Valente foram publicados e discutidos (Valente e Carneiro, 2015; Carneiro, 2020: 264-268; Carneiro e Conejo Delgado, 2020: 72-73), mas voltamos ao essencial da informação para os combinarmos com novos indicadores.

Relembrem-se os dados recolhidos nas seguintes unidades estratigráficas:

- UE16: Camada extensa de deposição no interior do peristilo pequeno, sobre os corredores de circulação. Ocupa praticamente toda a superfície disponível, embora de forma desigual, uma vez que é muito potente junto ao muro norte (cerca de 30/40 cm de altura) tornando-se progressivamente mais rarefeita na progressão para sul, dada a maior exposição aos arrastamentos agrícolas. Trata-se de uma camada de derrube de paredes que definitivamente sela os níveis de ocupação anteriores (em especial UE68) e muito rica de materiais faunísticos;
- UE22: Situação semelhante à anterior, tratando-se de uma extensa camada de derrube cobrindo quase toda a superfície da sala do *stibadium*, mas com espessura muito desigual, pois o muro norte protegeu-a dos trabalhos agrícolas (40/50 cm preservados), enquanto junto à parede sul se encontra quase sobre o pavimento. Composta por elementos resultantes dos colapsos parietais, apresenta grandes blocos de pedra formando um caos de argamassa e fragmentos de mosaicos. Ocorrem alguns materiais arqueológicos, em especial sobre o pavimento da sala (diversamente do outro ambiente, aqui quase não se encontrou nível de ocupação preservado, observando-se que o derrube assenta quase directamente sobre o pavimento);
- UE28 - Camada residual, constituída pelo enchimento do espaço entre o *stibadium* e a parede interna da abside; sedimento solto e arenoso, contendo escassos materiais arqueológicos;
- UE33 - Derrube de cerâmica de construção situado defronte da estrutura do *stibadium*. Parece corresponder a uma deposição prévia que é afastada para a posição de descoberta, de

modo a libertar espaço para a construção do abrigo em materiais perecíveis. Os materiais são escassos.

Em função destes elementos contextuais, relembramos os dados das coleções faunísticas (ver Tabela 1).

Os padrões de consumo são diferenciados, assim como os contextos de recolha (aqui, no mais amplo sentido do termo). Assumimos que as unidades da sala, em especial a [UE22] por ser a de maior expressão, preservam dois momentos: um ainda derivado do padrão do *convivium* para o qual o espaço do *stibadium* teria sido originalmente concebido, e que pode ter sido conservado em algumas espécies faunísticas recolhidas, a par do que se verificou na recolha de moluscos abundantes, em especial ostra (*Ostrea*), amêijoia (*Ruditapes decussates*), berbigão (*Cardiidae*) e búzio (*Mollusca gastropoda*, possivelmente *Buccinum*), mas também nos padrões cerâmicos. Note-se que a manutenção dos registos estratigráficos em sítios de economia antiga é deveras paradoxal, uma vez que nesta [UE22] foram recolhidos um fragmento de cerâmica de paredes finas de fabrico emeritense, bem como dois fragmentos de terra sigillata hispânica da etapa flaviana. Desta forma, é perfeitamente possível que tivessem ficado *crystalizados* no registo estratigráfico alguns exemplares osteológicos do *padrão de consumo* tardo-antigo. Contudo, a lógica assume que este seja o nível dos ocupantes do abrigo em materiais lígneos, o que gera uma linha de análise que enquadra esta presença em, seguramente, meados/finais do século V (note-se que, tal como para o peristilo pequeno, os materiais de cerâmica comum estão em estudo, embora neles não se detectem indicadores cronológicos de precisão). Quanto ao conjunto do peristilo pequeno, podemos entrever uma frequência paralela à da sala ou,

Tabela 1

	Peristilo Peq.		Sala do stibadium				Total	
	UE16		UE22	UE28	UE33			
Equus caballus	1	0,7%	6	16,7%	-	-	7	3,7%
	-	-	2	5,6%	-	-	2	1,1%
Cervus elaphus veado	1	0,7%	4	11,1%	1	16,7%	7	3,7%
Dama dama	3	2,2%	1	2,8%	-	-	4	2,1%
	1	0,7%	-	-	-	-	1	0,5%
Bos taurus boi/vaca	22	16,4%	6	16,7%	-	-	29	15,0%
Capra hircus cabra	6	4,5%	-	-	-	-	6	3,1%
Ovis aries ovelha	3	2,2%	-	-	-	-	4	2,1%
Ovis a. / Capra h cabra/ovelha	55	41,0%	5	13,9%	-	-	61	31,1%
Sus d. (?) porco/javali	35	26,1%	7	19,4%	4	66,7%	59	30,3%
Canis familiaris cão	1	0,7%	-	-	-	-	1	0,5%
Oryctolagus c. coelho-brav.	5	3,7%	1	2,8%	1	16,7%	8	4,2%
Leporidae Leporídeo	1	0,7%	4	11,1%	-	-	5	2,6%
Total	134	-	36	-	6	-	195	-

Está alguém em casa? A *villa* da Horta da Torre (Fronteira) e as mudanças na economia rural durante o final do Império

dadas as discrepâncias no registo, uma sequência um pouco posterior: a [UE16] parece apresentar um perfil de ocupação diferente, mais vocacionada para a guarda/consumo de fauna ovi-caprina, com indicadores de produção (moventes) e armazenamento (fragmentos de *dolium*) que podem ser complementares ao abrigo da sala ou de momento posterior.

De forma sintética, ponhamos em confronto os registos da Tabela 2:

Tabela 2

	Peristilo Pequeno	Sala
Equídeos	0,7%	22,3%
Cervídeos	3,6%	38,3%
Bovídeos	16,4%	24,4%
Ovi-caprinos	47,7%	21,6%
Suídeos	26,1%	19,4%

Facilmente verificamos que a sala do *stibadium* conserva um perfil híbrido, no qual se documenta o predomínio do consumo das carnes provenientes das práticas de *venatio* com animais de grande porte e suínos (com a ressalva de que é muito difícil distinguir o porco doméstico do javali, que também deverá fazer parte da amostra). Os valores são muito equilibrados, denunciando consumos alimentares variados, à semelhança do conhecido para outras regiões (MacKinnon, 2004). A presença de equídeos deve-se certamente, não a práticas de consumo alimentar, mas à sua coabitação com os humanos, conforme se encontra documentado em situações semelhantes de abrigos em etapa pós-imperial (Fig. 4).

O registo encontrado no peristilo pequeno, e que ainda não incorpora muitos elementos recolhidos em campanhas de escavação nos anos seguintes (em especial a [UE68], unidade residual de ocupação sobre bre pavimento), demonstra uma realidade

que, considerando as variações estatísticas, é distinto. E estas variações devem ser explicadas por pequenas ocorrências: por exemplo, o número de bovinos (22) deve estar sobrevalorizado, pertencendo a maioria dos espécimes a apenas dois indivíduos, abatidos em idade senil (NMI-2). De todas as formas, torna-se evidente que as espécies abatidas na prática de *venatio* são residuais mas, em contrapartida, ocorre uma acentuada prevalência de ovi-caprinos que, conforme já foi notado, são um recurso cujo aproveitamento aumenta exponencialmente a partir do século V (Brogiolo e Chavarría, 2020: 75). A utilização deste recurso como “storage-batteries” (Horden e Purcell, 2000: 199) de enorme mobilidade pelo território é típica de uma economia de subsistência muito pouco elaborada e de relações mais fluidas com o espaço (Fig. 5).



Fig. 4 - Elemento ósseo fotografado *in situ* no contexto da [UE22] (Foto André Carneiro).

Para o entendimento do que muda e como muda, veja-se a Tabela 3, ainda no âmbito da análise aos restos de fauna efectuada por Maria João Valente.



Fig. 5 - Vista geral do derrube [UE16] directamente assente sobre o pavimento do peristilo pequeno. Assinaladas em primeiro plano estão duas mandíbulas. Campanha de 2015 (Foto André Carneiro).

As diferenças são claras no padrão de consumo, se compararmos o universo recolhido em contextos da sala com os do peristilo pequeno. Neste caso, a maioria dos traços de corte no espólio da UE16 demonstram dois tipos de acções: por um lado, raspagens deixando estrias para remoção de pele, por exemplo, o que se pode relacionar com alguma actividade de carácter económico para obtenção de produções secundárias. Mas ocorre sobretudo a preparação dos elementos para consumo: as carcaças são cortadas em segmentos de menor dimensão, apropriadas para serem colocadas em recipientes. Estes são em seguida submetidos à exposição ao fogo, em temperaturas baixas, uma vez que as colorações demonstram que foram utilizados para a confecção de estufados e/ou cozidos (sempre seguindo as análises de Maria João Valente; ver também Valente e Carneiro, 2015). Estes padrões não se encontram nas unidades na sala do *stibadium*, uma vez que não se encontram restos osteológicos com alterações significativas.

Tabela 3

	Peristilo Peq.	Sala do <i>stibadium</i>			Total
	UE16	UE22	UE28	UE33	
Carbonizados	10	1	1	0	14
Marcas de corte	13	1	0	0	14
Róidos	8	1	0	0	9

Esta situação permite-nos entrar em outra dimensão da análise: os indicadores do registo cerâmico.

#### 4.2. Materiais arqueológicos e seus contextos: a amostra da Horta da Torre

Os materiais cerâmicos recolhidos nas unidades estratigráficas na área escavada na Horta da Torre são provenientes de contextos que, como foi referido, apresentam alguma fiabilidade de análise, essencialmente por se tratar de níveis de derrube ou sob derrube; mas, como foi referido em outros textos que se encontram entregues para publicação, em nenhum caso podemos adoptar a chamada *Pompeii premise* (Allison, 2004: 4-5, 11-26). Tal significa, portanto, que nas UEs até ao momento analisadas observamos intrusões posteriores que devem ser explicadas no quadro de factores tafonómicos, mas também ocorre a *cristalização* de elementos arcaizantes que estão presentes no registo, conforme foi comentado anteriormente. Ou seja, temos sempre presenças de espectros anteriores e posteriores, como aliás é normal em escavações cuidadas com registo sistemático. Note-se ainda que o universo de UEs com registo de materiais arqueológicos é superior às anteriormente apresentadas para os elementos arqueozoológicos, o que é natural no universo passível de recolha em escavação neste tipo de ambientes. Os conjuntos cerâmicos, em especial nos fabricos de uso comum, encontram-se em estudo ou (para a sala do *stibadium*) já parcialmente concluídos,

pelo que neste texto apresentam-se considerações genéricas, de acordo com a linha temática pretendida.

Pelos registos até ao momento obtidos na escavação, os dois espaços apresentam um *fácies* distinto. Em olhar preliminar, duas situações originam diferenças marcantes.

Em primeiro lugar, o conjunto da sala do *stibadium* parece posicionar-se em fabricos de finais do século IV, ainda na filiação de protótipos tardo-imperiais, enquanto os recolhidos no peristilo pequeno podem ser atribuídos a fabricos plenamente do século VI e mesmo do VII (para paralelos regionais veja-se Prata, 2019). Estas propostas devem ser calibradas com o estudo crono-tipológico que está em curso, e poderão necessariamente ser revistas.

Outra situação se torna imediatamente evidente: os contextos da sala do *stibadium* apresentam características morfo-técnicas distintas, com dimensões reduzidas, para serviço de mesa, e com peças denotando pouco desgaste de utilização. Pelo contrário, no peristilo pequeno temos recipientes de maiores dimensões, tendencialmente pertencentes a painéis de médias dimensões, sempre com os bordos voltados para o exterior e denunciando intensa e prolongada exposição ao lume. A sua utilização como recipientes para confecção de estufados/cozidos é evidente. As pastas foram cozidas a baixas temperaturas, por vezes desagregando-se ao toque (Fig. 6). Nota-se também a presença de vários *dolia* de grandes dimensões, com formas alongadas e esquemáticas, bem distintas dos elementos de período imperial (em estudo por Pedro Pereira). Saliente-se ainda o contexto: a utilização de recipientes cerâmicos de armazenamento no peristilo originalmente consagrado ao descanso e intimidade da família do *dominus* demonstra de forma plena a expressiva

viragem técnico-funcional que o espaço sofreu, impressão reforçada pela recolha de dois fragmentos de movente em granito. Torna-se evidente que o espaço de lazer e repouso, decorado com elegantes pinturas a fresco, se converteu em oficina de trabalho, espaço de produção e confecção de alimentos e também em lugar de guarda de gado.



Fig. 6 - Exemplo de cerâmica comum pertencente ao universo da última fase de ocupação no peristilo pequeno. Recolhido na [UE16], S6 em 2015 (Foto Mónica Rolo).

## 5. A HORTA DA TORRE NO CONTEXTO DA RURALIZAÇÃO DO MUNDO PÓS-IMPERIAL: MODELOS DE OCUPAÇÃO DAS RUÍNAS E ESTRATÉGIAS DE SUBSISTÊNCIA

Apesar de todas as limitações enunciadas quanto ao contexto de recolha (e que condicionam os processos de análise e interpretação, que devem ser vistos como provisórios face à continuação do tratamento da informação), os dados recolhidos na Horta da Torre apresentam, mesmo assim, uma mais-valia em relação a outros sítios arqueológicos similares nos quais se recolheram séries faunísticas (Carneiro, 2020: 267-268): documentam-se duas fases - ou mesmo três - com distintos padrões de consumo, o que nos permite entrever fases intermédias per-

tencentos ao processo geralmente designado de “*final das villae*” (para uma ampla síntese ver Chavarría, 2007) ou de desestruturação da economia rural antiga (para uma discussão de conceitos, veja-se Dodd, 2019). A leitura diacrónica ensaiada para a Horta da Torre tem o valor acrescido de poder ser conjugada com outros indicadores de mudança registados no local, quer na apropriação do espaço vazio, deixando indicadores no registo arqueológico (Carneiro, 2020), quer na profunda alteração na cultura material passível de recuperação durante a escavação. Esta documenta de modo inequívoco a passagem de uma *economia-mundo* própria do sistema Imperial (Carneiro e Conejo Delgado, 2020) para um pacote artefactual precário e de profundas limitações na sua execução técnica (no duplo sentido da palavra, na medida em que se observam problemas na aplicação da *techné* do saber-fazer do oleiro e também nos constrangimentos tecnológicos, evidentes em todo o processo de modelação/cozedura das peças).

Objectivamente é neste entrecruzamento de dados que podemos avaliar de forma ponderada o processo que ocorre na Horta da Torre. Arqueofauna, registos contextuais e cultura material – note-se, todos ainda em estudo pois faltam integrar os resultados das campanhas mais recentes – convergem na apreciação de processos de alteração no perfil de subsistência e de estratégia económica que ocorrem ao longo de dois ou três séculos. Esta viragem não é, por enquanto, passível de replicação para outros sítios arqueológicos, pois, com raríssimas excepções (Carneiro, 2020: 271; Tabela 4), não dispomos de um suficiente *filtro de leitura* proveniente de escavações arqueológicas com rigoroso controlo de informação (e mesmo alguns dos sítios listados na referência atrás citada não apresentam informação publicada, mas dados respigados

de visitas aos locais). Estamos, portanto, distantes de um quadro de modelos universalizantes de *trends* próprias da abordagem processualista (Terrenato, 2000: 220-222) mas, ao invés, podemos estar perante imagens fragmentadas, nas quais sítios produzem dados que podem ser únicos ou anómalos.

Todavia, não parece ser esse o caso: na realidade, a Horta da Torre encaixa bem no processo de “reocupações precárias” conhecido na *Hispania* (Chavarría Arnau, 2007: 129-133) – de modo significativo, menos bem identificado na *Lusitania*, o que não será por acaso, dado o generalizado *filtro de qualidade* no registo de escavação disponível. Os dados da Horta da Torre são inteiramente compagináveis com os registos arqueozoológicos conhecidos para toda a península itálica (e sublinhe-se a extensão territorial do universo considerado). Os dados existentes para um extenso conjunto de sítios apontam para um declínio súbito dos padrões de fauna bovina entre o século IV e o VI; para uma descida sustentada nos suínos; e para um notório incremento de elementos ovi-caprinos, em especial a partir do século VI (Salvadori, 2011: p. 204, fig. 3). Mais do que o consumo *strictu sensu*, devemos inferir um processo mais vasto de basculação nas práticas de relação com o meio ambiente, de laboração agrícola (que o gado bovino possibilita e os outros não), de gestão de recursos (aumenta significativamente a idade de abate e, do ponto de vista zootécnico, diminuem as dimensões dos indivíduos) e na obtenção de produtos secundários, que todas as espécies possibilitam, mas de forma diferenciada e, em especial no caso dos ovi-caprinos, potenciam de outra forma. Do mesmo modo, todo o regime de vinculação ao território é distinto, pois os rebanhos de cabras e ovelhas possibilitam uma mobilidade que parece bem evidente na última fase de presença humana

na *villa* registada no pequeno peristilo.

Significam estes dados que assistimos ao “ending of intensive specialised agriculture and changes in animal husbandry and land use” que parece caracterizar a passagem dos séculos V e VI “in many regions of the western Mediterranean” (Chavarría *et al.*, 2019: 317)? Para responder a tal questão necessitamos de ter mais estudos de caso. A própria *villa* da Horta da Torre pode estar a oferecer-nos uma imagem enganadora, na medida em que analisamos informação proveniente de uma área de escavação de 1.000 m<sup>2</sup>, para uma área ocupacional superior a 30.000 m<sup>2</sup>. No entanto, nesta amostra os dados são coerentes e patenteiam:

- um complexo habitacional com uma sala de prestígio na qual decorrem práticas de comensalidade próprias de um sistema de *economia-mundo* de abastecimentos exógenos combinados com recursos autóctones, obtidos através de um conhecimento agrícola complexo, quase certamente sustentado na agricultura de irrigação, e ainda com a obtenção de peças cinegéticas cuja captura se insere nos códigos próprios de uma enérgica aristocracia;
- subsequente abandono cuidadoso e metódico deste espaço, reocupado por um abrigo de construções precárias que acolhe uma pequena comunidade, que produz amplos desperdícios depositados de forma aleatória em todos os espaços disponíveis;
- e, eventualmente, uma terceira fase onde agentes individuais ou de célula familiar ocupam um espaço privado, mobilizando animais e débeis recursos para práticas de produção/consumo empregando tecnologias básicas, consumindo em modo de *padrão de resistência* uma base alimentar que permite a obtenção de produtos secundários e uma grande mobilidade pelo território.

Este quadro, necessariamente esquemático, pode ainda ser alterado em função das revisões dos dados em curso. Pode também vir a ser ampliado, com os dados de mais e, sobretudo, melhores escavações. Note-se que, para Itália, intervenções mais rigorosas permitiram duplicar o número de sítios conhecidos com presenças pós-abandono (Castro-rao Barba, 2014: 264-265, mostrando a alteração de 26% para 49% de *villae*), um bom modelo para o caso português.

## BIBLIOGRAFIA

- ALLISON, P. (2004) - *Pompeian Households: An analysis of the Material Culture*. Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology.
- BROGIOLO, G. P.; CHAVARRÍA ARNAU 2020, A. (2020) - «L' Ambiente Postclassico.», *Archeologia PostClassica*, p. 67-86.
- CARNEIRO, A. (2008) - *Itinerários romanos do Alentejo. Uma releitura de «As grandes vias da Lusitânia - o Itinerário de Antonino Pio» de Mário Saa, cinquenta anos depois*. Lisboa: Edições Colibri.
- CARNEIRO, A. (2020) - «Adapting to change in rural Lusitania: zooarchaeological record in the Horta da Torre Roman villa (Portugal)». *European Journal of Post-Classical Archaeologies* 10, p. 247-278.
- CARNEIRO, A. (2021) - «Horta da Torre roman villa and the monumentalization in Lusitania's rural landscape». In I. Baldini, C. Sfameni (ed.), *Abitare nel Mediterraneo Tardoantico. III convegno internazionale del CISEM (Bologna 28-31 ottobre 2019)*. Bari: Edipuglia, p. 527-537.
- CARNEIRO, A.; CONEJO DELGADO, N. (2020) - «¿Una economía 'monetaria' sin monedas? Bienes, actividades y explotación del territorio rural en Lusitania tardo-antigua». *O Território e a Gestão dos Recursos entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico*. Granada: Editorial Alhulia (Nakla Colección de Arqueología y Patrimonio 24), p. 67-82.
- CARNEIRO, A.; STEK, T. D.; GARCÍA SÁNCHEZ, J.; KALKERS, R. (2020) - «The

- Late Roman *villae* of Horta da Torre and Monte de São Francisco and their rural context (North Alentejo, Portalegre district, Portugal). In R. Martinez, T. Nogales, I. Rodá (Ed.) *Congreso Internacional Las villas romanas Bajoimperiales de Hispania - Actas, Palencia, 15-17 Noviembre 2018*, Palencia, p. 291-300.
- CASTRORAO BARBA, A. (2014) - «Continuità topografica in discontinuità funzionale: trasformazioni e riusi delle ville romane in Italia tra III e VIII secolo». *PostClassical Archaeologies* 4, p. 259-296.
- CHAVARRÍA ARNAU, A. (2007) - *El final de las villae en Hispania (siglos IV-VIII)*. (Bibliothèque de l'Antiquité Tardive 7), Turnhout: Brepols Publishers.
- CHAVARRÍA ARNAU, A.; LEIT, T.; IZDEBSKI, A. (2019) - «Settlement, land use and society in the Late Antique Mediterranean, 4th-7th c. An overview.» In A. Izdbeski, M. Mulryan (ed.), *Environment and society in the long Late Antiquity*, Leiden/Boston: Brill, p. 314-329.
- DODD, J. (2019) - «A Conceptual Framework to Approaching Late Antique Villa transformation trajectories». *Journal of Archaeology and Ancient History* 6, p. 30-44.
- DUQUE ESPINO, D. (2006) - «El médio vegetal de la Coudelaria de Alter do Chao a partir de los resultados antracológicos». In J. Oliveira (dir.), *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*, Lisboa/Évora: Ed. Colibri-Univ. de Évora, p. 242-256.
- DUNBABIN, K. M. (2003) - *The Roman Banquet. Images of conviviality*. Cambridge: CUP.
- FRONZA, V. (2011) - «Edilizia in materiali deperibili nell'alto medioevo italiano: metodologie e caso di studio per un'agenda della ricerca». *Post-Classical Archaeologies* 1, p. 95-138.
- HORDEN, P.; PURCELL, N. (2000) - *The corrupting Sea. A study of Mediterranean History*. Oxford: Blackwell.
- LEWIT, T. (2003) - «'Vanishing villas': what happened to elite rural habitation in the West in the 5th-6th c.?». *Journal of Roman Archaeology*, vol. 16, p. 260-274.
- MACKINNON, M. (2004) - «Production and Consumption of Animals in Roman Italy: Integrating the Zooarchaeological and Textual Evidence». *Journal of Roman Archaeology*. (JRA Supplementary Series 54).
- PRATA, S. (2017) - «Objectos arqueológicos alto-medievais em contexto doméstico: O caso da Tapada das Guaritas (Castelo de Vide, Portugal)». *Mediaeval Sophia*, (19), p. 413-429.
- SALVADORI, Frank (2011) - «Zooarcheologia e controllo delle risorse economiche locali nel medioevo». *Post-Classical Archaeologies* 1, p. 195-244.
- TEJERIZO GARCÍA, C. (2015) - *Arqueologia del campesinado medieval en la cuenca del Duero (ss V-VIII D.C.)*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidad del País Vasco [policopiado].
- TERRENATO, N. (2020) - «Postprocessuale, archeologia». In R. Francovich, D. Manacorda (ed.), *Dizionario di Archeologia*, Bari: Laterza, p. 220-222.
- VALENTE; Maria João; CARNEIRO, André (2015) - «Entre a pecuária e a caça: dados preliminares da fauna de vertebrados da villa romana da Horta da Torre (Fronteira)». In Encontro *O mundo animal na romanização da Península Ibérica*, Lisboa, 26-27 de Junho [poster].
- VROOM, J. (2007) - «The archaeology of late-antique dining habits in the Eastern Mediterranean: a preliminary survey of the evidence». In A. Guttridge, E. Swift, T. Putzeys (ed.), *Objects in context, objects in use. Material spatiality in Late Antiquity*, Leiden/Boston: Brill, p. 313-361.

Município  
**Palmela**  
conquista



MUSEU  
MUNICIPAL  
PALMELA



9 789728 497897 >